

Narrativas biográficas e consagração literária: o caso Simões Lopes Neto

JOCELITO ZALLA¹

João Simões Lopes Neto (1865-1916) é hoje um dos escritores mais conhecidos do público leitor sul-rio-grandense. Sua obra é frequentemente abordada na escola básica. Suas lendas, adaptadas na linguagem e, às vezes, ricamente ilustradas, são apresentadas às crianças menores como manifestações do folclore e da cultura popular local. Seus contos, no texto original, também são estudados pelos jovens, em etapas educativas mais avançadas, mas agora situados num quadro seletivo de obras de autores gaúchos, todos recorrentemente cobrados nos exames vestibulares do estado, como Erico Verissimo, Cyro Martins, Mário Quintana e Moacyr Scliar. Já formado, o leitor culto médio, se pudermos cometer essa abstração, também é interpelado com frequência pelos contos simonianos, que costumam figurar nas coletâneas de melhores do gênero² ou ganhar sucessivas edições de bolso, que já inundam o mercado nacional de livros. Por fim, no topo da cadeia literária, os profissionais das letras – e aqui temos a melhor possibilidade de Simões ultrapassar as fronteiras do Rio Grande – encontram o escritor pelotense nas páginas brasileiras de história da literatura, ora como uma das maiores realizações da prosa regionalista no país, ora como espécie de antecipação “pré-modernista” à ficção contemporânea, o que se reverte no abundante número de trabalhos acadêmicos a ele dedicados.³ Para alguns, como Alfredo Bosi, seu pioneirismo e sua relevância na tradição literária local fazem de Simões Lopes Neto o “patriarca das letras gaúchas” (BOSI, 1983: 238).

Essa condição hoje usufruída pelo autor, no entanto, não é tão antiga quanto a sua produção. Nos anos 1940, quando alguns de seus textos voltavam a circular em periódicos literários e jornais do estado, pouco se sabia, na capital gaúcha, de sua literatura e, menos ainda, de sua vida. A Editora Globo, detentora dos direitos de publicação da obra desde os anos 1920, mas que pouco dera atenção a ela até o momento, iniciava novo projeto editorial para os dois livros de ficção de Simões, *Contos Gauchescos* (1912) e *Lendas do Sul* (1913), que contaria com a organização crítica de Aurélio Buarque de Holanda e supervisão de

¹ Colégio de Aplicação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutorando em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

² “Trezentas onças” foi incluído no oitavo volume *Mar de Histórias: antologia do conto mundial*, organizado por Aurélio Buarque de Holanda e Paulo Rónai. Recentemente, Italo Moriconi escolheu “Contrabandista” para o livro *Os cem melhores contos brasileiros do século*.

³ Um recente estudo, intitulado *Movimentos Atuais da Literatura Brasileira*, apresentado na última Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP), indicou Simões Lopes Neto entre os autores brasileiros mais citados na Plataforma Lattes, do CNPq, ocupando a 53ª posição (LAITANO, 2003: 3).

Augusto Meyer. Dentre os esforços de propaganda dos contos e lendas simonianos, pode-se citar a publicação de uma série de reportagens e notícias biográficas em edições da casa, como produto de uma investigação encomendada ao jornalista Carlos Reverbel. O objetivo deste trabalho é analisar o papel dessas narrativas na consagração literária póstuma de Simões Lopes Neto. Como se construiu a biografia pública de Simões? Quais seus usos críticos e editoriais? Como a vida podia ser mobilizada para explicar a literatura?

* * *

A ausência de referências biográficas na primeira crítica simoniana se deve mais à falta de informações confiáveis do que a uma opção interpretativa deliberada. A pequena circulação das obras publicadas de Simões Lopes Neto em vida, consequência, entre outros fatores, de sua pouca projeção no cenário letrado gaúcho da Primeira República, explica tanto a escassez de discursos críticos quanto a falta de interesse por sua trajetória e imagem pública. Cerca de trinta anos após sua morte, uma geração de intelectuais gaúchos, com articulações e contatos nacionais e internacionais, se ressentiria do descaso dos contemporâneos do escritor pelotense em relação à sua vida e obra, transformando esta condição marginal num marco biográfico manipulável em novas situações de representação.

É interessante notar que o concurso ao biográfico numa abordagem de Simões aparece pela primeira vez em ensaio de Augusto Meyer, crítico e poeta modernista conhecido por suas análises intraliterárias.⁴ Num dos capítulos de *Prosa dos Pagos*, de 1943, encontramos a seguinte nota:

Aos treze anos, Simões Lopes viera para o Rio de Janeiro, onde se matriculou no Colégio Abílio e mais tarde na Escola de Medicina. Por motivo de doença, abandonou os estudos já no terceiro ano do curso, regressando para Pelotas em 1882. Começa então a sua fase de contato revelador com a campanha rio-grandense, em 'entradas' sucessivas que dariam como fruto o Cancioneiro Guasca (1910), os *Contos Gauchescos* (1912) e as *Lendas do Sul* (1913) (MEYER, 2002: 141).

Mas o biográfico aqui tem função acessória: complementa os investimentos discursivos na imagem de Simões como letrado qualificado, impulso para a reconfiguração da imagem pública do escritor. A primeira crítica simoniana, da qual o próprio Meyer fez parte,

⁴ Maria Helena Werneck (2008) identificou uma tendência "antibiográfica" na crítica de Meyer a Machado de Assis, o que permanece, em grande medida, em sua posterior leitura da obra de Simões Lopes Neto, como veremos.

tratou de valorizar seus contos e as lendas pelo aspecto documental.⁵ A naturalidade com que o texto representava a vida campesina no Rio Grande do Sul podia ser creditada à intimidade de Simões com o meio rural, mas dificilmente seria compreendida como esforço de estetização de um intelectual de primeira ordem.⁶ No âmbito do regionalismo gaúcho, este espaço, aliás, estava reservado a Alcides Maya, membro da Academia Brasileira de Letras, celebrado por suas belas e difíceis construções textuais. Parece que só na década de 1940 os critérios avaliativos modernistas suprimiriam, no estado, o naturalismo acadêmico como modelo privilegiado de escrita regionalista.⁷ O falecimento de Maya, em 1944, favoreceria a gangorra crítica que elevava Simões. O que antes era requinte na linguagem passava a ser visto como artificialismo. O que era documentário poderia então ser entendido como harmonia entre forma e conteúdo. Logo, as realizações simonianas seriam mais adequadas ao gosto da nova crítica. Para isso, no entanto, era impossível prescindir da imagem de intelectual competente e cioso de seu texto. Há, assim, no comentário biográfico de Meyer um Simões formado no centro do país e que opera meticulosamente sobre a matéria campesina que a província lhe oferece; não um escritor local cujo mérito se deveria ao registro de narrativas populares, como ainda era comum lembrá-lo.

Trechos como o transcrito acima são esparsos nas visadas de Meyer sobre Simões Lopes Neto. Nelas, o biográfico comparece novamente apenas de forma incidental, em algumas interpretações de tendência psicológica, cuja função, novamente, seria atestar a atualidade da obra. É nesse sentido que o crítico chama a atenção para o subjetivismo simoniano, enfatizando o lirismo expresso no texto, resquício simbolista valorizado pelas tendências mais recentes de se fazer literatura. O subjetivismo transparece, inclusive, na voz de Blau, espécie de fantoche da consciência do autor: “...se à flor de todos os contos está a voz de Blau Nunes, no fundo, quem lhes dá vida e sentido à forma é sempre Simões Lopes Neto. É ele a alma, a fonte humana da sua interpretação” (MEYER, 2002: 150). A transformação do pelotense, um polígrafo de inclinação folclorista, em literato consagrado,

⁵ Por ocasião da publicação da edição dupla de *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*, pela Livraria do Globo, em 1926, mais duas críticas ganhariam público naquela década, a do também contista Darcy Azambuja e a primeira avaliação do então poeta Augusto Meyer. Mesmo considerando o autor como “herói da expressão local”, Meyer deslocava a atenção do leitor para o meio, no orgulho sentido “pela terra que produziu criações tão diversas e tão originais” (MEYER, 1926: 3).

⁶ Darcy Azambuja chegaria a indicar a “intuição artística verdadeiramente genial” de Simões como responsável pelas páginas “mais fortes e fieis do regionalismo gaúcho”. Mas a ênfase da crítica se dava na “graça espontânea” dos contos e lendas, em consonância com o ambiente (AZAMBUJA, 1926: 3).

⁷ A sobrevivência da tendência no gosto médio brasileiro, décadas depois dos ataques modernistas, conforme notado por Antonio Candido (2010, p. 126), também explica a permanência da literatura de Maya.

concentraria no projeto crítico de Meyer as operações de autonomização do discurso ficcional⁸ e de transposição dos limites locais da linguagem e da temática regionalista.⁹

Se esse tipo de estratégia é próprio do regime literário moderno,¹⁰ o registro biográfico não é menos adequado a ele. Autores como Antoine Compagnon, nos estudos de literatura, e François Dosse, na historiografia, têm chamado a atenção para a permanência da “vidobra” como mecanismo de interpretação, quando o sentido do texto é “deduzido das peripécias da vida” (DOSSE, 2009: 80).¹¹ Talvez a assunção da legitimidade *per se* da arte literária, que parece desembocar nos projetos estruturalistas de análise, tenha como contraponto a geração de discursos especializados em aspectos extraliterários, que situem o leitor em relação a balizas cronológicas e culturais nem sempre transparentes no texto (e às vezes necessárias para a compreensão de citações ou referências implícitas). Esse é, pelo menos, o caso de Simões Lopes Neto. Enquanto críticos como Meyer e, na sua esteira, Aurélio Buarque de Holanda e Lúcia Miguel Pereira, se dedicavam à apreciação dos aspectos formais de sua obra, jornalistas e escritores, como Carlos Reverbel e Manoelito de Ornellas, publicavam na mídia impressa gaúcha notícias sobre a adolescência do autor no Rio de Janeiro ou sua maturidade na pequena Pelotas.

Quase que imediatamente após a avaliação crítica positiva de Meyer, surge um interesse renovado no público leitor, ao menos local, pela obra de Simões, a ponto de mobilizar a porto-alegrense Globo, já então uma das maiores casas editoras do país, na edição acurada da ficção simoniana conhecida e na busca de inéditos em seus arquivos.¹² Do mesmo esforço editorial nascia o primeiro projeto biográfico consistente do autor. Em 1945, Carlos Reberbel coletou depoimentos de amigos e familiares de Simões, investigou seu baú de manuscritos e empreendeu uma pesquisa detalhada nos jornais pelotenses, em busca de textos desconhecidos ou de mais fontes a respeito da vida do personagem. O empreendimento gerou,

⁸ É nesse sentido que Meyer desloca o mérito de Simões do folclore para a ficção, logo, do registro para a poesia: “Por fatalidade temperamental, o medíocre folclorista acabou em poeta, usada a palavra no sentido lato, pois foi ele em essência o nosso poeta e o momento culminante do nosso regionalismo” (MEYER, 2002: 143).

⁹ Para o crítico, a matéria folclórica local seria apenas “um meio que empregou para exprimir as dores e alegrias humanas” (MEYER, 2002: 146).

¹⁰ Pelo termo, tomo o sistema de regras e modalidades de fazer e classificar literatura que, no Ocidente, acompanhou o esvaziamento da retórica clássica e a ascensão do gênero romance, no final do século XVIII e início do XIX, com a “importância dada à soberania e à autonomia da imaginação” (EAGLETON, 2006: 29).

¹¹ Os retratos literários de autor empreendidos por Sainte-Beuve no século XIX seriam o modelo da vidobra contemporânea.

¹² Convocando novos escritores a cantarem a vida do campesino rio-grandense, Adail Morais dizia que “há uma geração inteira a esperar as reedições das ‘Lendas do Sul’ e dos ‘Contos Gauchescos’ e mais essa maravilhosa descoberta de Carlos Reverbel – ‘Os casos do Romualdo’” (MORAIS, 1946: 152).

ainda naquele ano, três reportagens nos periódicos da casa; duas na *Revista do Globo*, quinzenário de variedades de grande circulação; uma na *Província de São Pedro*, novo veículo voltado a debates eruditos, dirigido pelo historiador e crítico Moysés Vellinho, com colaborações de intelectuais consagrados em nível nacional. Quando, em 1949, a edição crítica de *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*, organizada por Aurélio Buarque de Holanda, finalmente veio a público, o texto de Reverbel publicado na *Província* ganhou nova versão como posfácio do livro.

Não é absurdo afirmar que o jornalista fixou nesses artigos as grandes tópicas da narrativa biográfica de Simões, reproduzidas a partir daí em larga escala. Encontramos, em seus textos, cerca de trinta “biografemas”,¹³ o que demonstra a ambição totalizante do projeto escriturário de Reverbel. Em apenas um trecho da primeira reportagem, por exemplo, temos o inventário de 18 atividades/frentes de ação em vida:

Ele foi fundador do Tiro de Guerra 31; fez parte de inúmeras diretorias da Biblioteca Pública Pelotense; dirigiu o ‘Correio Mercantil’, figurou entre os redatores da ‘Opinião Pública’, tendo colaborado na ‘Pátria’ e no ‘Diário Popular’; fundou a ‘Revista do Centenário’; escrevia e montava peças para os amadores teatrais; funcionou no Conselho Municipal; teve m cartório; fez-se despachante geral da Alfândega; muito animou as atividades tradicionalistas da União Gaúcha; realizava conferências na Liga Operária e discursos nas cerimônias oficiais e partidárias; montou e associou-se a diversos negócios comerciais; meteu-se na indústria e em aventuras de mineração; lecionou na Escola de Comércio; editou a ‘Coleção Brasileira’; foi membro militante da Associação Comercial; criou uma tradição memorável, ‘A centenária’; organizou o plano comemorativo do Centenário de Pelotas; liderou, em condições consagradoras, a classe estudantil da localidade, e por aí afora (REVERBEL, 1945a: 31).

A essas unidades biográficas mínimas somam-se: a experiência infantil nas estâncias dos avôs materno e paterno; o estudo no Colégio Abílio, do Rio de Janeiro; o ingresso e abandono, por motivos de saúde, do curso de Medicina, também na capital; o casamento com Francisca Meirelles, a Dona Velha, e a adoção tardia de uma menina com problemas mentais; a filiação, de primeira hora, ao Partido Republicano Rio-Grandense (PRR); a reserva no exército durante a Revolução Federalista, de 1893; o título honorífico de Capitão da Guarda Nacional; a inclinação feminista; o pioneirismo empresarial; o ingresso, em 1913, na Academia Rio-Grandense de Letras; o folclorismo e a escrita de ficção na maturidade; a morte na pobreza.

¹³ Pelo seu potencial heurístico, utilizo a definição de Durval Muniz de Albuquerque Júnior para o termo barthesiano: “menores unidades do discurso biográfico e que o sustentam” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012: 34). São, portanto, traços biográficos que variam historicamente e de acordo com determinada modalidade de discurso. Seus usos indicam, assim, “a forma como pensamos e constituímos sujeitos em nossa cultura”.

Se todos esses elementos sustentam a nova imagem pública de Simões, eles não possuem, evidentemente, o mesmo peso. Antes disso, configuram um repertório seletivamente mobilizado para ressaltar uma ou outra interpretação biográfica, que também mudariam ao longo do tempo, mesmo no discurso de Reverbel.¹⁴ Nos anos 1940, eles construíam duas imagens diversas, mas complementares: a versatilidade profissional/intelectual e a vocação para a literatura. A primeira seria reduzida a algumas frentes de maior relevância, nos olhos e na temporalidade do biógrafo. A segunda legitimaria os esforços críticos e os novos empreendimentos editoriais da geração de escritores gaúchos, como dito. Na estrutura interna da narrativa biográfica, daria também coerência e unidade à dispersão simoniana.

Na primeira reportagem, Reverbel enfatizava as aptidões intelectuais e as ideias políticas do autor, características que delineariam sua personalidade. Primeiro, temos um Simões “orador”, carismático manipulador da palavra verbal, tanto nas conferências públicas ministradas em sociedades culturais, clubes e partidos, como nas conversas diárias, logo monopolizadas pelo escritor: “Tão dominadora era a sua prosa, que essas palestras no geral viravam numa espécie de solilóquio, apenas Simões Lopes Neto falando” (REVERBEL, 1945a: 68). A mesma maestria se apresentaria na imprensa periódica pelotense. O biógrafo caracteriza o biografado, nesse quesito, como “figura de primeiro plano” e “profissional consumado”. O Simões “jornalista” ganhava do repórter Reverbel alguma atenção, enfatizando sua sobriedade e sua objetividade num tempo de veículos dominados pelas polêmicas. O pequeno relevo como jornalista tem, aliás, nessa alienação das contendas públicas sua explicação: “Nunca obtive maior projeção (...) pela elevação e cordura de que não se afastava” (REVERBEL, 1945a: 68). Suas convicções políticas, advogadas em diversas ocasiões, ressaltam, inclusive, o profissionalismo de Simões, que costumava conduzi-las para espaços adequados, como o púlpito e ação prática. Boa parte dos biografemas acima citados é, então, organizada em função do nacionalismo do autor – a propaganda dos tiros de guerra, as conferências sobre temas brasileiros, a edição da “Coleção Brasileira” de cartões postais, a

¹⁴ Se, nos anos 1940, tudo convergiria para atestar a superioridade intelectual do autor, cinco décadas depois, a consagração póstuma consumada, já era possível apontar fissuras biográficas, como a desqualificação de parte de sua produção. Ainda assim, a cisão entre bons e maus textos continuaria a servir para o elogio da ficção: “Se é bem verdade que Alcides Maya sofreu influência de Coelho Neto, sobrecarregando sua prosa de vocábulos raros e abstrusos, Simões Lopes também a sofreu, mas conseguiu evitar que ela incidisse sobre os seus contos, deixando-a transparecer em produções de outra natureza: discursos, conferências, artigos de jornal” (REVERBEL, LAITANO, 1993: 121).

coleta de documentos e objetos históricos. A causa nacional, aliás, seria uma das tantas antecipações simonianas da vida moderna:

Evidentemente a moda nacionalista chegou muito depois. Jamais poderíamos confundi-lo como quaisquer oportunistas da hora presente. Mas o caso é que, apesar do seu aparente isolamento regionalista, que em alguns escritores nosso tem sido explorado como tendência separatista, Simões Lopes Neto foi brasileiro dos quatro costados, cultivando ativamente o mais amplo nacionalismo (REVERBEL, 1945a: 68).

Seu regionalismo era, então, politicamente tributário da causa nacional: “É aquela velha história de que ninguém será bom amigo da Pátria, se não o for anteriormente da terra natal, do seu Estado” (REVERBEL, 1945a: 68). Em termos literários, essa interpretação também era interessante, uma vez que situava sua ficção nos quadros da literatura brasileira, evitando-se a incômoda comunhão de gênero textual com a gauchesca argentina e uruguaia. O regionalismo como modalidade de expressão apontava ainda para a consciência autoral e a meticulosa arquitetura literária de Simões, já asseverada pela crítica. Dessa forma, emergia a imagem de “homem urbano”, em detrimento da experiência campesina que levava a uma prosa meramente documental: “Nesta altura seria interessante notar que o autor que melhor conseguiu esse efeito mágico, (...), cuja voz se pode confundir com a própria voz do nosso folk-lore, tenha sido uma criatura urbaníssima” (REVERBEL, 1945a: 72).

Símile do possível assombro do novo leitor de Simões, ao encontrar no autor um sujeito de pouca vivência campeira, seria a surpresa que seus conhecidos manifestavam, “com sua ingenuidade que o divertia, ao depararem com a sua literatura, naquela linguagem que ele não falava, e que evidentemente não era de bom tom, menos ainda para quem se fazia passar por literato” (REVERBEL, 1945a: 72). O efeito retórico desse relato é o mesmo do comentário anterior: ressaltar a disjunção entre a vida do autor e suas estratégias narrativas, enfatizando o trabalho artístico de composição, logo, a genialidade simoniana. Na reportagem seguinte, que relatava a curiosa existência de um distrito da cidade de Cruz Alta denominado Blau Nunes, em homenagem ao narrador-personagem simoniano, Reverbel equipararia o pelotense a Honoré de Balzac, apoiado numa crítica de Meyer: “Assim, sendo criador de um símbolo e tendo passado pela prova do tempo, o autor de ‘Contos Gauchescos’ e ‘Lendas do Sul’ bem representa, no nosso meio, a figura do grande escritor” (REVERBEL, 1945b: 35). O fato servia para atestar em Simões aquela força de criação de realidade que só as melhores obras, como a do literato francês, possuem, mesmo que a leitura do texto revelasse nele uma invenção recente (então com sete anos), operada por dois intelectuais pertencentes ao grupo

que resgatava o pelotense do limbo da história literária: o escritor Manoelito de Ornellas, que ocupava o cargo de revisor ortográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, e o crítico Guilhermino Cesar, secretário da interventoria estadual, em 1938.¹⁵

A consolidação da imagem de grande escritor viria na extensa reportagem da *Província de São Pedro*. Complementando a caracterização como “homem urbano”, “tendo dos costumes gauchescos quando muito hábitos do mate e do cigarro crioulo” (REVERBEL, 1945c: 80), surgia a representação como “homem de gabinete”, dedicado a um regime diário rígido de leituras e escrita. Para isso, o biógrafo conta com o depoimento da viúva, que ainda noticiava a existência de uma “biblioteca de proporções” e o interesse por “questões de história”. No mesmo texto, Reverbel desenvolveria seus argumentos principais e detalharia facetas já exploradas do biografado.

Se o Simões orador não é mencionado, o Simões jornalista encontra maior espaço na reportagem. A razão pode estar numa das características do relato biográfico tradicional, a empatia do biógrafo pelo biografado. Segundo François Dosse, sua implicação, com raras exceções, seria a “transposição psicológica mais ou menos regulada e dominada” (DOSSE, 2009: 67), o que permite o preenchimento de lacunas documentais pelo recurso da intuição. Temos, assim, uma espécie de projeção da identidade profissional do biógrafo na construção de seu personagem, enfatizando-se o jornalismo imparcial *avant-garde* de Simões. Em suas memórias, Reverbel faria da “neutralidade política”, aprendida com Caldas Júnior em sua experiência de repórter no *Correio do Povo*, nos anos 1930, um elemento diacrítico de sua autorepresentação (REVERBEL, LAITANO, 1993: 49).

O biógrafo também enxerga no colaborador ocasional dos veículos pelotenses da última década do século XIX e da primeira do XX a mesma compreensão da função jornalística que o pautaria na prática diária pós-1913. Seu compromisso com a informação refrearia as manifestações ideológico-partidárias: “Embora ligado ao Partido Republicano, seu jornalismo estava acima das paixões políticas. Sem exagero laudatório, pode afirmar-se que ele fazia jornalismo para a sociedade e não para um partido” (REVERBEL, 1945c: 94). O único caso conhecido na trajetória de Simões em que o político sufocou o repórter, segundo o Reverbel, teria sido na sua afronta ao oficialismo republicano, ao apoiar abertamente a

¹⁵ A ideia de homenagear Simões teria ocorrido a Cesar, logo apoiada por Ornellas, o encarregado de revisar os nomes das localidades gaúchas. O distrito de Santa Bárbara, localizando em uma antiga rota de tropeiros, teve o nome alterado para Blau Nunes em 1938, através do Decreto Estadual n. 7.643, de 28/12/1938. Dez anos depois, a localidade recuperaria a denominação original.

corrente de Ramiro Barcelos contra a candidatura do Marechal Hermes da Fonseca ao senado, em 1915. Se, à primeira vista, o fato contraria a coerência biográfica até então desenhada, sua menção na narrativa ressalta a independência política de Simões, característica necessária ao bom desempenho do ofício. É ainda a preocupação de dar sentido à vida narrada que autoriza a seleção do acontecimento controverso, em outro exercício de “ilusão biográfica”, nos termos de Bourdieu (2005). A agressividade do ataque simoniano em texto do *Correio Mercantil* – “Corvo, morre! Marechal, suicida-te!” – é interpretada por Reverbel como única nota destoante de sua carreira como periodista; ainda atenta aos espaços possíveis de exacerbação verbal sem comprometimento profissional: “E assim mesmo em editorial, sem o toque pessoal da assinatura” (REVERBEL, 1945c: 94).

O Simões nacionalista também ganhava maior atenção, com coloridas notas sobre a ação política em vida e o reconhecimento pós-morte dos adeptos da tendência, incluindo alguns de seus nomes ilustres. A tese da antecipação simoniana é agora demonstrada por um fato que liga as duas pontas do exame sobre a faceta: as conferências nacionalistas do autor são anteriores à famosa campanha de Olavo Bilac, nos anos de 1915-1916, que originaria a Liga da Defesa Nacional. Em “Educação cívica”, publicada em 1905, proferida em diversas ocasiões na região, Simões comprovava sua “consciência sem obstinação regionalista, inteiramente voltada para a unidade e grandeza da Pátria” (REVERBEL, 1945c: 97). Como na reportagem da *Revista do Globo*, diversos biografemas são mobilizados para atestar tanto o nacionalismo simoniano como seu pioneirismo: a edição de uma coleção de cartões postais, chamada *Brasiliana*, comemorando datas e fatos da história nacional; a atuação na União Gaúcha, entidade cívica regional-nacionalista, na preservação das tradições; e o protesto, em crônica, contra o uso do termo “teuto-brasileiro” – que passava a designar os descendentes dos imigrantes alemães –, quando prescrevia sua integração e irmandade com outras “raças” que formavam o país, numa pátria de “brasileiros sem sub-rótulos”. Mais uma vez, o regionalismo simoniano era atribuído à perspectiva então dominante no conto brasileiro, uma possibilidade de expressão literária, jamais o desejo de separatismo político: “Em matéria de amplo sentimento nacionalista ardorosamente militante, ele foi sem dúvida um legítimo precursor. O lugar atribuído a Bilac, pelo menos na ordem cronológica, é mais dele que do próprio Olavo Bilac...” (REVERBEL, 1945c: 97). E toda essa atividade simoniana não teria passado despercebida pelo próprio poeta parnasiano, que, na sua passagem por Pelotas, em novembro de 1916, acompanharia as atividades dedicadas à memória de Simões Lopes Neto,

com romaria a seu túmulo, “num preito de reconhecimento e justiça aos sentimentos brasileiros do grande regionalista gaúcho” (REVERBEL, 1945c: 98). Em Porto Alegre, Bilac teria recontado a lenda do Negrinho do Pastoreio em sessão da Academia Rio-Grandense de Letras, em deferência a seu autor.

A imagem de homem urbano também é complementada pelas descrições das outras atividades profissionais: dez anos de serviços na alfândega, abandonados para a abertura de um cartório; logo vendido para montar uma fábrica de vidro, a que se sucedeu outra de cigarros, com a famosa marca “Diabo”, também falida em poucos anos, devido ao clima conservador avesso ao sarcasmo simoniano. Uma das explicações para os contínuos fracassos empresariais seria a visão de futuro de Simões, inconciliável com o tempo em que viveu. Sua inclinação feminista era prova do vanguardismo incompreendido: “Mas nada disso impediu que ele se tornasse um pioneiro nos métodos de trabalho adotados em relação aos empregados. Entre as suas inovações, dava trabalho às mulheres, defendendo já naqueles dias a ideia de emancipação econômica do sexo feminino” (REVERBEL, 1945c: 85). De outro lado, a diversidade empresarial atesta a criatividade do personagem, que encontraria na literatura de fim de vida seu verdadeiro canal de materialização. Inconformado com a “pouca sorte” de Simões, que o teria levado ao desmantelamento da herança familiar e à morte na pobreza, “sem glória”, Reverbel encontra na genialidade artística uma dupla explicação para o fracasso em vida e a realização literária que lhe daria sucesso póstumo:

“O que na realidade acontecia era uma natural incompatibilidade entre o seu feitio de artista, altamente dotado para a criação literária, e as naturais injunções do mundo dos negócios, que se desdobram num clima de certo modo agreste. Por outro lado – e talvez esteja aí a situação exata – aquela permanente atividade à procura da estabilidade econômica jamais atingida também pode significar inquietação criadora”. (REVERBEL, 1945c: 85).

A própria versatilidade, uma vez atestada, poderia ser usada como chave explicativa para esquecimento do escritor. Nos três textos publicados em 1945, Reverbel não esconde o mal-estar com a falta de reconhecimento de Simões, mesmo na cidade natal. Homem público bem quisto, sua morte causara comoção em Pelotas, mas a leitura das notas na imprensa sobre o falecimento surpreendeu o biógrafo; não encontrara nenhuma menção à perda de um escritor da estatura de Simões: “A luz que se apagava dentro da literatura, essa não foi notada, pelo menos nos termos a que fizer jus” (REVERBEL, 1945c: 83). Na reportagem da *Província*, Revebel arrisca uma interpretação para o fato: “É que o vulto que desaparecia fora por demais militante, dispersando atividade desinteressada em múltiplos setores sociais, para

que se atentasse, com particular cuidado, na importância do patrimônio literário que ele deixava” (REVERBEL, 1945c: 83). Simões seria, em suma, um homem múltiplo de “sonhos inatingidos”. A marca do fracasso empresarial dissipava, portanto, a glória do ficcionista: “Dele guardou-se a imagem de alguém que viveu intensamente e intensamente sofreu; um homem encanecido, gasto, arruinado nos negócios, com todos os sonhos extraviados, mas ainda aí compassivo e sem ressentimentos”. (REVERBEL, 1945b: 61). O fim de Simões, assim, parece mais trágico ao olhar de seu tempo, esforçado em recuperar a obra do autor. A resignação de Reverbel tinha ainda como pano de fundo a ideia de “legado”, que no caso simoniano compensaria as décadas de esquecimento: “Foi uma dessas criaturas que trazem nas mãos a vocação de semear para o futuro” (REVERBEL, 1945b: 61).

François Dosse também identificou no gênero biográfico uma ambição reparadora: “Fazer justiça a certas figuras que a história oficial esqueceu ou depreciou é uma razão de peso para os biógrafos” (DOSSE, 2009: 76). Reverbel, que seguiria a produzir textos sobre o autor nas décadas seguintes, os quais culminariam na publicação do livro *Um capitão da guarda nacional: vida e obra de Simões Lopes Neto*, em 1981, faz do socorro à memória do autor a insígnia de seu projeto de escrita: “Agora, passados 29 anos da morte de João Simões Lopes Neto, nada mais cabe ao repórter a não ser a simples tarefa de registrar-lhe a glória” (REVERBEL, 1945b: 61). A biografia é vista, então, como missão. A autorrepresentação do narrador continua vinculada, portanto, à profissão de jornalista, como o subtítulo de seu artigo mais extenso e elaborado sobre Simões, naquele momento, indica: “esboço biográfico em tempo de reportagem”. Daí a tensão que se estabelece, no plano do discurso, entre uma identidade profissional mais próxima ao periodismo, pautada pelo registro em superfície e pela multiplicidade de informações, e outra especializada na escrita da vida, favorável a interpretações em profundidade, geralmente psicológica, e a particularização do biográfico. Seu trânsito entre elas também obedece ao plano de salvaguarda da memória simoniana e elegia do escritor.

É verdade que a narrativa biográfica é estruturalmente compósita, como o romance ou a escrita da história: “uma convergência de relatos diversos enredados uns nos outros” (DOSSE, 2009: 67). Os textos de Reverbel obedecem a essa lógica. Mas a heterogeneidade de sua narrativa não é ocasional, já que pode lançar mão de mais ou menos modalidades de representação escrita sem romper com os cânones do gênero. Assim, os artigos da *Revista do Globo* se aproximam mais da estrutura informativa da notícia. Já a reportagem da *Província*,

espaço do ensaio sofisticado na imprensa periódica local, e a sua versão como posfácio da edição crítica tendiam à composição complexa do relato biográfico, com a sobreposição de camadas textuais relativamente autônomas, mas especializadas no biográfico;¹⁶ ainda que em graus diferentes. A ambição reparadora do projeto de Reverbel se manifestava com maior tranquilidade na primeira redação da reportagem, quando o autor se aventurava, por exemplo, na análise da linguagem dos contos e lendas simonianos, classificada como “de genuidade folclórica”, e no julgamento de seu valor estético, observando “achados da maior beleza literária” (REVERBEL, 1945: 81). Também fazia as vezes de historiador da cultura, descrevendo, através do tempo de Simões, as trajetórias do jornalismo e da literatura no Rio Grande do Sul. O apelo à “época”, evidentemente, não é um componente estranho à narrativa de vida, mas chama a atenção no texto a presença de uma série de elementos acessórios, quase acidentais, que pouco contribuem para a interpretação de Simões, como uma digressão sobre a especialização das seções e a qualidade dos autores literários publicados no jornal *A Opinião Pública*, no período precedente ao ingresso do biografado em seus quadros, para fazer a elegia de seu diretor, o Dr. Antônio Gomes da Silva, “acadêmico de Coimbra”. A versão do texto publicada como posfácio da edição crítica seria depurado desses elementos.

Parece, então, que a divisão discursiva do trabalho de construção da imagem pública do autor não comportaria, no momento da reedição da obra, o biográfico como exegese literária. Frente às figuras do filólogo Aurélio Buarque de Holanda e do crítico Augusto Meyer, já conceituados em suas áreas, uma certidão de qualidade estética do jornalista Reverbel perdia sua função. Além disso, em termos editoriais, o livro prescindiria de três paratextos que se dedicassem, mesmo que em parte, ao problema da linguagem. Assim, toda a introdução da versão original, em que o biógrafo situava Simões Lopes Neto na tradição literária brasileira e dialogava com a crítica de Meyer, é suprimida, assim como a seção intitulada “A voz de Blau Nunes”, de análise textual. De outro lado, o expurgo de informações suplementares sobre a vida de personagens paralelos evidencia o processo de particularização do biográfico que cabia, naquele momento, ao projeto de Reverbel. Os oito parágrafos da versão original que se dedicavam à figura do diretor do jornal pelotense são substituídos por um pequeno trecho de ligação, centrado na ação do protagonista: “Durante

¹⁶ A reportagem da *Província* possui 13 seções, cada um delas apresenta pequenos relatos quase independentes, intercalando as temporalidades e perspectivas do biógrafo, do biografado e de personagens paralelos, ou alternando temas distintos em um mesmo recorte sincrônico. Sua versão resumida para o posfácio de 1949 apresenta 11 seções, com a mesma estrutura, mas reduzidas a aspectos específicos da vida de Simões e na narração da experiência de pesquisa do biógrafo.

todo o ano até 1913 até 2 de março de 1914, quando assumiu a direção do Correio Mercantil, J. Simões Lopes Neto foi um dos principais redatores de *A Opinião Pública*” (REVERBEL, 1961: 429). Na biografia que deveria orientar o novo público leitor de Simões, não havia espaço nem para o consagrado Olavo Bilac, apesar da manutenção da tese do vanguardismo nacionalista do escritor pelotense. Se a escrita de vida convoca a referência a pares e contemporâneos e, no caso da “vidobra”, comumente apela a influências e sucessores do biografado, o procedimento de particularização da vida narrada e a restrição a citações de nomes do círculo simoniano imediato atende, assim, ao intuito de consagração póstuma, na medida em que ressalta traços individuais originais de Simões.

As narrativas biográficas de Reverbel possuem, portanto, no que toca à caracterização do personagem, certa plasticidade. A variabilidade na representação cumpre com funções específicas de cada momento e espaço do projeto coletivo de resgate de Simões. E os créditos dessa empresa compartilhada, como sabemos, não eram sonogados ao público. No primeiro texto da *Revista do Globo*, o biógrafo indicava o papel da geração de escritores modernistas gaúchos na tímida reavaliação da ficção simoniana dos anos 1920, quando a Livraria do Globo comprou os direitos da obra e lançou a primeira edição dupla de *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*:

Por fim, coincidindo com o movimento modernista neste Estado, naqueles arejados dias de inventário e revisão de valias, escritores nosso, novos na época, tendo à frente Augusto Meyer, Atos Damasceno Ferreira, Moisés Vellinho, Manoelito de Ornelas, Darcy Azambuja, Ciro Martins, J. O. Nogueira Leiria e outros, reivindicaram para João Simões Lopes Neto o seu verdadeiro lugar dentro da literatura do Rio Grande, simplesmente colocando-o na justa posição que lhe era devida, sem com isto pretenderem estabelecer uma escala de valores por comparação ou absurdo que o valha (REVERBEL, 1945a: 30).

Grosso modo, eram os mesmos agentes, agora críticos, historiadores e escritores estabelecidos, que tomavam novamente a frente no resgate de Simões, vinte anos depois. A eles somavam-se novos “simoneanos”,¹⁷ confessos ou não, que dividiam tarefas no projeto coletivo, como Erico Verissimo, que retomaria temas e problemas do autor em sua ficção, e o próprio Reverbel.

¹⁷ O termo era empregado como autodenominação pelos intelectuais que se empenhavam consistentemente no resgate do autor pelotense. Em carta enviada, em 1946, a Augusto Meyer, hoje depositada na Casa de Rui Barbosa, Carlos Reverbel agradecia ao apoio do crítico em seus esforços de busca de dados, informando que Moisés Vellinho, diretor da *Província de São Pedro*, e o escritor Carlos Dantes de Moraes estavam quase “entrando para a turma”. “Serão ótimos simoneanos”, concluía o jornalista (REVERBEL, 1946).

Considerações finais

À medida que Simões passava a ser conhecido, novos biografemas acabavam surgindo, em textos de jornalistas e escritores ainda engajados na divulgação de sua vida e obra. Mas o papel das narrativas de Reverbel na construção da biografia pública do autor é fundamental. Seus sucessores reconheceriam seu pioneirismo e sua importância, o erigindo em autoridade maior na empresa. Ao publicar uma notícia com mais detalhes da vida de Simões, Manoelito de Ornellas teve o cuidado de não fazer seu texto parecer emenda ao trabalho precedente, mas seu complemento. Apesar dos “dados acrescentados”, ele reforçava, no essencial, as interpretações de Reverbel, desenvolvendo tópicos como a do “homem de gabinete”, com detalhes romantizados de suas condições de escrita: “E escrevia à noite, de preferência, sobre laudas de papel almaço liso. Fumava constantemente os seus cigarros crioulos, ‘retovados’ de papel, na sua linguagem familiar. E sua bebida, única e constante, era o café” (ORNELLAS, 1948: 4).¹⁸ Apoiado nessas primeiras narrativas, portanto, o grupo de “simonenos” construía uma espécie de repertório biográfico comum, acessível ao leitor médio ou à nova crítica especializada,¹⁹ coerente com a depuração modernista de sua literatura de imaginação. Havia, assim, limites para as novidades biográficas, estabelecidos pelas narrativas de Reverbel, um “quadro de referências” estável e coeso (POLLAK, 1989: 9). Depoimentos incômodos, como a suposta boemia de Simões, declarada por Arthur Pinto da Rocha, seu contemporâneo, podiam ser refutados recorrendo-se às imagens e interpretações do biógrafo, como no texto de Ornellas: “Por certo referiu-se à boemia de espírito do escritor, porque Simões teve sempre vida morigerada, do lar para o grupo dos amigos e para os largos serões de Biblioteca. Sua constante preocupação era escrever” (ORNELLAS, 1948: 4). Ao selecionar determinados biografemas e hierarquizá-los, Reverbel construiu para Simões aquilo que Pollak chamou de “marcos”, pontos relativamente invariantes: “Em certo sentido, determinado número de elementos tornam-se realidade, passam a fazer parte da própria essência da pessoa, muito embora outros tantos acontecimentos e fatos possam se modificar em função dos interlocutores, ou em função do movimento da fala” (POLLAK, 1992: 201). Curiosamente, Reverbel usou termos semelhantes aos de Pollak quando descreveu sua tarefa

¹⁸ A tese da precedência do nacionalismo cívico de Simões em relação a Olavo Bilac também é reproduzida.

¹⁹ Quando, por exemplo, o escritor português José Osório de Oliveira se deparou com a obra de Simões, ficou chocado com a pouca atenção que lhe coubera até então. Entre as respostas para a situação, encontrava nos limites circunscritos de atuação do “escritor municipal” uma possibilidade, conforme a explicação de Reverbel (OLIVEIRA, 1947: 4).

como um “trabalho de exumação de memória”. Querendo chamar a atenção para o esforço que fazia, o biógrafo reconhecia na biografia uma construção, mesmo que inconscientemente; fato que passaria despercebido pelos seus leitores imediatos, também inventores, a seu modo, de Simões.

Referências

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. O significado das pequenas coisas: História, prosopografia e biografemas. In: AVELAR, Alexandre de Sá, SCHMIDT, Benito Bisso (orgs.). *Grafia da vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica*. São Paulo: Letra e Voz, 2012, p. 15-38.
- AZAMBUJA, Darcy. Contos gauchescos. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 29/08/1926, p. 3.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 3ª edição. São Paulo: Cultrix, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína. *Usos & abusos da História Oral*. 7ª edição. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2005, p. 183-191.
- CANDIDO, Antonio. Literatura e cultura de 1900 a 1930. In: CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 11ª edição. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.
- DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: Escrever uma Vida*. São Paulo: Editora da USP, 2009.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. 6ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- LAITANO, Cláudia. Movimentos da literatura brasileira. *Caderno de Cultura (ZH)*. Porto Alegre, 06/07/2013, p. 3.
- MEYER, Augusto. O grande Simões Lopes. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 26/08/1926, p. 3.
- MEYER, Augusto. Simões Lopes Neto. In: _____. *Prosa dos pagos, 1941-1959*. 4ª ed. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2002, p.139-160.
- MORAIS, Adail. De Blau Nunes a João Guedes. *Província de São Pedro*. Porto Alegre, n. 4, 1946, p. 152.
- OLIVEIRA, José Osório de. O escritor gaúcho Simões Lopes Neto. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 02/03/1947, p. 4.

- ORNELLAS, Manoelito de. Um pouco de Simões Lopes Neto. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 16/03/1948, p. 4.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.
- REVERBEL, Carlos, LAITANO, Cláudia. *Arca de Blau: memórias*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1993.
- REVERBEL, Carlos. Blau Nunes existe. *Revista do Globo*. Porto Alegre, 29/09/1945b, p. 34-35, 61.
- REVERBEL, Carlos. Correspondência, 15 jan. 1946, Porto Alegre, para MEYER, Augusto, Rio de Janeiro.
- REVERBEL, Carlos. Pelotas 1913. *Revista do Globo*. Porto Alegre, 11/05/1946b, p. 8,69
- REVERBEL, Carlos. J. Simões Lopes Neto: esboço biográfico em tempo de reportagem. *Província de São Pedro*. Porto Alegre, n. 2, set. 1945c, p. 78-102.
- REVERBEL, Carlos. J. Simões Lopes Neto: esboço biográfico em tempo de reportagem. In: LOPES NETO, João Simões. *Contos Gauchescos e Lendas do Sul* (edição crítica). 2ª edição. Porto Alegre: Editora Globo, 1961, p. 417-438.
- REVERBEL, Carlos. “Tu és a minha estrela do sol posto”. *Revista do Globo*. Porto Alegre, 25/08/1945a, p. 29-31, 54-55, 64-65, 68, 72.
- WERNECK, Maria Helena. *O homem encadernado: Machado de Assis na escrita das biografias*. 3ª edição. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2008.